

Problemática 1 – Percurso na vida associativa		
Dimensões	Entrevista A5	Análise
Início da prática associativa (local e idade)	«Eu tive primeiro ligações a um grupo aqui em Deão, que se chamava geração 2000... não era uma associação perfeitamente conhecida e legalmente estabelecida como a AJD... mas considero mesmo assim que tenha sido a minha primeira entrada neste tipo de grupos...» (P. 1) «(...)talvez tivesse 13, 14...» (P. 2)	Local: - Geração 2000 Idade: - 13/14 anos
Tipo de trabalho desenvolvido	«(...) Era mais participação, e claro que também organizávamos, estávamos todos juntos (...) eramos todos jovens, não havia ninguém com uma diferença de idade assim muito acentuada como aqui, que iam decidindo as coisas, idealizando e nós colaboramos...» (P. 3)	- Participação nas actividades - Organização de algumas actividades
Associações que está envolvido	«Aqui na associação a AJD, colaboro com a liga dos amigos de Viana do Castelo, mas não sou bem o que se pode chamar um associado...sou dador de sangue, recebemos informação, colaboramos no que pudemos e acho que é tudo... faço parte de um fórum académico sobre forças armadas e sociologia(...)» (P. 4)	- AJD - Liga dos amigos de Viana do Castelo - Fórum académico

Problemática 2 – A associação representada		
Dimensões	Entrevista A5	Análise
Primeiro contacto	«Realmente acho que o primeiro contacto com a AJD, foi o contacto de estar do lado do inimigo... porque este grupo existia antes da associação se formar e quando a associação se formou eles eram os outros (...) se calhar o primeiro contacto foi o de eles serem os outros (...) o contacto não foi pelos órgãos dirigentes da associação foi pelos meus amigos que eu cá tinha e ter mais convívio com eles foi o que me chamou para cá, par a associação...» (P. 6)	<ul style="list-style-type: none"> - Teve conhecimento da associação pelo facto de ser uma associação de jovens na mesma localidade legalmente reconhecida, ao contrário do grupo ao qual pertencia - Através dos amigos
Frequência de participação	«Infelizmente... acho que sou praticamente um sócio no papel e que pago a quota... estou disponível e todos os anos dentro das minhas possibilidades, ajudava nas mais diversas actividades, desde as janeiras ao dia internacional da juventude e outras... mas se outrora tinhas mais disponibilidade e participava mais, hoje em dia, mantenho basicamente o contacto, acompanhar, saber o que se passa, porque realmente não tenho desenvolvido actividades que eu possa reconhecer que eu estive ali, e eu participei (...)» (P. 7)	<ul style="list-style-type: none"> - Actualmente não tem uma participação activa
Funções desempenhadas	«Neste momento sou só sócio, que pode ser activo colaborador e ajudar o que esta associação define...» (P. 8)	<ul style="list-style-type: none"> - Sócio - Colaborador
Vantagens	«(...) a mim juntar-me a estes grupos e a estas situações foi uma excelente forma de me libertar de alguma monotonia, porque vivia aqui numa aldeia pequena, era filho único, e as minhas relações estavam muito baseadas no seio familiar e na escolinha e isto foi uma forma de nos libertarmos dessa monotonia e passarmos a conviver mais com as pessoas que conhecíamos e termos pessoas novas no nosso leque de conhecimentos... e	<p>Vantagens a nível individual:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Libertação da monotonia do quotidiano - Conviver - Conhecer pessoas - Ganhar responsabilidade

	<p>a partir daí sermos em determinadas doses de acção dentro desses grupos, por sermos dotados de responsabilidades, com o que as outras pessoas achavam, faziam e sentiam...» (P. 5)</p> <p>«(...) podemos dar parte de nós, parte do nosso esforço e da nossas capacidades aos outros, (...) dar algo de nós para o bem comum.» (P. 10)</p> <p>«(...) sei que para um estudante no ensino superior o facto de ser dirigente associativo lhe parece a possibilidade de fazer alguns exames fora de época, há uma pequena atenção por parte da sociedade civil para quem despende de algum tempo a trabalhar para a sociedade... mas julgo que é insuficiente (...) mas tendo em conta as gerações que deviam estar a entrar no associativismo, infelizmente precisávamos de mais para os chamar... mais vantagens nesse campo da juventude do IPJ dos benefícios para os jovens, (...) mais vantagens a nível de status (...))» (P.10)</p>	<p>Vantagens ao nível da esfera pública:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pequena atenção por parte da sociedade civil 	
<p>Desvantagens</p>	<p>«(...) se calhar se tivermos dificuldade em conciliar as coisas, que é um pouco o meu caso e deixei de colaborar tão activamente... mas não há aquela dimensão de haver uma desvantagem (...))» (P. 10)</p> <p>«(...) não é uma desvantagem as pessoas não reconhecerem o trabalho, mas seria uma enorme vantagem as pessoa reconhecerem, incentivarem e através disso as pessoas se sentirem cada vez mais motivadas fazer mais e melhor e colaborarem...» (P.10)</p>	<p>Desvantagens ao nível individual:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Tempo <p>Desvantagens ao nível da esfera pública:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Não ser reconhecido a prática associativa 	
<p>Avaliação percurso associativo</p>	<p>Nível de satisfação hoje</p>	<p>«Eu já me sinto um pouco fora, um pouco deslocado... mas ainda mantenho aquelas ligações do acompanhar e dos sentir que é algo que pretendo, o que eles fazem é um bem comum e eu pretendo continuar...» (P.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Já se sente um pouco desligado da associação

	<p>Perspectivas futuras</p>	<p>11)</p> <p>«(...) para já não sei se vou ter possibilidades no futuro por causa de estar deslocado daqui, deste centro, de acompanhar... mas da minha vontade, do que eu idealizava continuar a acompanhar, manter na associação (...) vemos que a associação faz-me bem a mim, eu gosto de estar na associação mas se calhar se eu já não estou a servir como um elo positivo na associação mais vale sair... e isso é uma das coisas que me faria sair... e outras é, se um dia visse que esta associação tomaria um caminho que se afasta dos meus princípios ou do que eu acho que deve ser mantido com certeza que me afastarei...» (P.11)</p> <p>« (...) o trabalho em comunidade, o fazer parte de uma missão, de uma estrutura de uma engrenagem e por outro lado alguma apetência, alguma vontade de ter mais, e de ir mais além, de liderar e fazer as coisas um pouco à minha maneira (...) sou militar, tenho funções de comando, sou oficial e acho que podemos transpor basicamente estas dinâmicas do trabalho em comum e a liderança para o que eu senti aqui e vivi aqui (...) o simples facto de no passado já se tenham experiências (...) se já assumimos funções de chefia ou de liderança ou de estarmos a orientar um projecto ou um trabalho ajuda... e se já aqui me sentia à vontade, então lá só havia o problema de não estar a mandar em miúdos (...)» (P.17)</p> <p>«Não é um passo necessário porque infelizmente a maior parte das pessoas, a experiência mais próxima que têm de uma associação, deve ser a associação de estudantes na escolinha, ou fazerem parte do grupinho da turma que organiza as festas e os jantares (...) e acabam por chegar mais tarde</p>	<p>- Deixa de pertencer à associação se esta se afastar dos seus princípios e se achar que deixa de ser um elemento positivo na associação</p> <p>Relação com a actividade profissional que exerce ou pensa vir a exercer:</p> <p>- As funções que desempenhou na associação ajudaram-no a desempenhar funções na vida profissional</p> <p>- O associativismo não é um “passo” necessário para uma progressão na vida profissional, mas pode ser considerado uma mais valia</p>
--	------------------------------------	--	--

	<p>à vida profissional e ter sucesso na mesma (...) é ótimo, combateria muitas necessidades que as pessoas têm e que vão sentir posteriormente quando chegarem à vida profissional, a não ser que trabalhem sozinhos (...) mas se o tivermos é uma mais valia.» (P. 18)</p>	
Razões/motivos	<p>«Principalmente quando somos novos, libertarmo-nos dos laços familiares, não digo abandona-los, mas a partir dessa base familiar e dos amigos da escola e das amizades que não sejam da escola, libertarmo-nos e atingirmos algo que nos vai fazer crescer a nível individual e das nossas capacidades de convivência em grupo, e vai ajudar imenso o nosso processo de socialização de crescimento, de inserção nos grupos... (...) fazer novos amigos e adquirir competências porque (...) estamos lá para trabalhar, mas é aquele trabalhar com vontade, o trabalhar em que todos ganhamos mesmo que ao fim do dia estejamos cansados...» (P. 14)</p> <p>«(...) foram os amigos que também me chamaram porque por um lado eu sentia que tinha necessidade de fazer mais do que estava a fazer naquele grupo (...)» (P. 15)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Libertação e complementação dos laços familiares - Desenvolvimento no processo de crescimento individual e de inserção em grupos - Fazer novos amigos - Adquirir competências - Foi motivado pelos amigos que já participavam na AJD
Casamento	<p>«(...) como é obvio as pessoas passam a ter mais uma carga ou um peso, passam a ter uma maior responsabilidade noutras áreas da sua vida e ao casamento têm que dedicar muito mais tempo... afastam-se um pouco, mas aí tudo vai depender das pessoas.» (P. 20)</p> <p>«(...) posteriormente quando já está cristalizada a relação do casal voltam a participar em associações... mas realmente muitas vezes quando voltam a essa actividade já estão noutra nível, noutra tipo de actividades ligadas à sua área</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Com o casamento as pessoas ficam com um maior peso e uma maior responsabilidade - Quando possuem mais tempo livre, dedicam-se a associações ligadas ao seu percurso profissional

	profissional... se calhar aí já se distanciam um pouco daquilo que foi a génese do associativismo no seu percurso(...)» (P. 20)	
--	---	--

Problemática 3 – Associativismo

Dimensões	Entrevista A5	Análise
Definição	<p>«(...) o associativismo é um elo de ligação entre várias pessoas que lhes permite além do que o quotidiano lhes oferece, porque todos temos amizades, todos temos família, mas o associativismo permite-nos ir além desses laços e se possível fazermos algo de útil para a sociedade, para o meio em que nos inserimos, para podermos melhorar as condições de vida das pessoas, e termos essas melhorias em mente... e ao mesmo tempo conviver, fazer amigos, e partilhar tudo isso...»</p> <p>(P. 5)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Ligação de várias pessoas que vão além das ligações que se estabelecem no quotidiano - Fazer algo de útil para a sociedade - Convivência - Fazer amigos - Partilha
Factores presentes na sociedade que conduzem à procura pela prática associativa	<p>«(...) neste caso o associativismo jovem que vai de uma idade muito inferior da adolescência, que é a referência que eu tive e que eu acho que aqui, na nossa realidade na AJD, começo logo a contar a partir da adolescência... por isso acho que nesta fase da adolescência estamos a perder os miúdos por causa das novas tecnologias (...) quanto à questão das pessoas que acabam o curso superior e depois não encontram logo uma entrada no mercado de trabalho... essas sim, creio que as associações, as paróquias (...) podem ajudar a empregar muita gente e não deixam de ser associações (...) eu acho que nessa medida as</p>	<ul style="list-style-type: none"> - As novas tecnologias estão a afastar os adolescentes da associativismo - As pessoas desempregadas procuram associações que lhes proporcionem um futuro melhor

	<p>peçoas acabam por aderir muito, por exemplo, associações que as acolham e lhes dêem alguma coisa...» (P. 19)</p>	
<p>Forma de participação política</p>	<p>«Depende da associação... pode ser que não... participação política vai mais além do que eu concebo para o que associações como a nossa trabalha... entrar na área da política (...) numa aldeiazinha de mil habitantes é perigoso... (...) eu acho que nós temos realmente que abster porque nós estamos aqui para trabalhar e contribuir para que os mais diversos sectores aqui da nossa comunidade beneficie da nossa acção e acho que envolvermo-nos politicamente vai minar este trabalho... apesar de muitas vezes as coisas serem difíceis de dissociar (...) manter alguma objectividade nos nossos objectivos...» (P. 13)</p>	<p>- Nem todo o associativismo é uma forma de participação política</p> <p>- No caso da AJD, esta deve-se distanciar da política</p>
<p>Diferença geracional e formas de associativismo</p>	<p>«Eu acho que os mais jovens estão voltados para uma forma de ser social que é distinta da que eu vivi... que era o que eu falei á pouco de termos então novas formas de eles se juntarem de agirem em comum, sem terem de se juntar em associações e fazerem tudo de forma (...) Elas estão mais abertas mas depois a questão da disponibilidade se calhar já não é tão garantida...» (P. 21)</p> <p>«(...) uma associação que lhes toma tempo, quando o tempo para toda a gente é uma coisa</p>	<p>Gerações mais novas:</p> <p>- Estão voltados para associações diferentes (novas formas de se juntar)</p> <p>- Ligados às novas tecnologias</p> <p>- Estão mais abertas para o associativismo</p> <p>- Procuram associações ligadas ao lazer</p> <p>Gerações mais velhas:</p> <p>- Não referiu</p>

	<p>fundamental (...) tem outras formas de se juntarem e associarem que em primeira mão eles adoptam... lazer, sim, mais ligado à forma do estar com os outros (...) mas eu acho que isso mesmo assim é o que lhes é apresentado em primeiro lugar o que não implica que eles a seguir não dêem mais um passo em frente e procurem o associativismo...» (P. 22)</p>	
--	--	--

Problemática 4 – Capital social

Dimensões	Entrevista A5	Análise
Confiança	«Passei a ter mais confiança nas pessoas na vertente ligada às actividades ligadas à associação e por excelência nas restantes vertentes... porque nós ao desenvolvermos um trabalho já temos que ter uma relação que nos permita confiar nas pessoas, (...) assim é que pode haver uma dinâmica que permita que as pessoas trabalhem a sua parte com fim às expectativas que têm deles e assim se estabelece uma relação de confiança.» (P. 23)	- Com a prática associativa passou a ter mais confiança nas pessoas
Relações com as pessoas/ relações de reciprocidade	«(...) as pessoas que já tinha como amigas, tornaram-se além de amigas colegas de trabalho, (...) e distinguir quem é que é mais apto para determinado tipo de funções... num grupo de amigos nem sempre conseguimos ver as dinâmicas de alguém que assume responsabilidades, alguém que faz, alguém que partilha, com os outros de uma forma que pudemos ver quando estamos a trabalhar em conjunto... Está muito baseado numa relação de expectativas, numa perspectiva do que o outro faz e do que podemos esperar dele e do que eu posso fazer.» (P. 24)	- Aprendeu a distinguir quem é mais apto para desempenhar determinadas funções - Trabalhar cada um a sua parte com fim às expectativas que possuem deles
Rede de contactos	«(...) aumentou a minha rede de contactos. Mas se calhar não usufruí muito disso. Mas existem muitas vantagens, uma rede de	- Aumentou Vantagens: - Rede de conhecimentos maior

	<p>conhecimentos maior. Na vertente relacionada com o associativismo é bom contactar outras pessoas e depois ficar com o contacto para depois podermos utilizar, a nível associativo. A nível pessoal, ganhamos sempre mais em ter mais pessoas na nossa rede de contactos não só na aquisição de conhecimentos que elas nos pudessem passar, não só no estabelecimento de novas amizades, mas não querendo parecer utilitarista (...) podemos usar no bom sentido do termo essas pessoas para posteriores contactos e trabalhar c elas noutras iniciativas que tenhamos no futuro» (P. 25)</p>	<p>-Utilizar os conhecimentos a nível associativo - Mais pessoas na nossa rede de contactos para a aquisição de conhecimentos, para o estabelecimento de novas amizades e para posteriores contactos a nível da associação e a nível pessoal</p>
--	---	---

Problemática 5 – Cidadania		
Dimensões	Entrevista A5	Análise
Associativismo: forma de participação ou obrigação social?	«É uma forma de participação por excelência (...) contribuirmos para o bem comum terá que estar sempre presente e nenhum de nós será um cidadão a 100% se não fizer algo parecido (...) obrigação social, a palavra é um pouco pesada, mas eu acho que sim... posso não dizer obrigado, mas acho que nos devemos sentir compelidos a participar (...) e se não temos nada para fazer arranjamos algo bom, construtivo para fazer... e o associativismo acho que é uma das formas de o fazer...» (P. 12)	<ul style="list-style-type: none"> - O associativismo é uma forma de participação - As pessoas devem ser compelidas a participar
Participação associativa como escola de participação cívica	«(...) nós não podemos ser cidadãos completos, além dos direitos e deveres que nós encaramos como mais comuns, que nos lembramos em primeiro lugar como o votar, ou cumprir a lei... temos também para sermos cidadãos contribuir. (...) eu acho que o associativismo é uma ferramenta, é um meio de atingirmos esse fim.» (P. 26)	<ul style="list-style-type: none"> - A participação associativa é uma escola de participação cívica - O associativismo é uma ferramenta para os cidadãos contribuírem para a sociedade
Relação com outras práticas de cidadania	«(...) nós somos conscientes que num pequeno grupo como o nosso temos obrigações, deveres, direitos, responsabilidades, temos objectivos... a associação não deixa de ser uma mini, uma micro-estrutura à imagem da sociedade em que nos inserimos e se reproduzimos as relações	<ul style="list-style-type: none"> - A pertença à AJD influencia outras práticas de cidadania - Na associação aprende-se que temos obrigações, deveres, direitos, responsabilidades e objectivos

	<p>que temos nesta associação para a sociedade nós vemos que existem muitas ligações, muitos pontos em comum(...)» (P. 27)</p> <p>«(...) nós se não tivéssemos de desenvolver actividades não nos informávamos dos nossos direitos, se nós não tivéssemos que ser uma associação que está formalmente reconhecida não tínhamos noção do que tínhamos que cumprir ao ser uma associação desse género, temos que ter corpos constituintes, temos que actas das reuniões, temos que apresentar contas, ou seja, os deveres começam a ser claros que nas sociedades tudo tem que ter uma ordem diz a legislação (...) é bom termos essa noção e colaborarmos desde sempre como fazer isso (...)» (P. 28)</p>	
<p>Capacidade dos jovens de participar</p>	<p>«Apesar de serem adultos incompletos têm a capacidade de entrar num projecto como este e colaborar e serem mesmo uma mais valia ou uma figura de destaque dentro da associação. (...) por isso somos incompletos, não temos toda as capacidades que a experiência e a idade nos podem trazer mas temos ao nosso dispor as ferramentas... as nossa capacidades para cumprir dentro da prática associativa aquilo que é esperado de nós, temos capacidade para participar activamente e responsabilmente...» (P. 29)</p>	<p>- Os jovens possuem capacidade para participar activamente na sociedade</p>

